VIDA NOVA

ESCOLHIDOS

Uma exposição da doutrina da eleição

Sam Storms

"Desejo dedicar toda a vida que me resta a ver, apreciar e mostrar Deus como Ele realmente é. Não posso conhecê-lo, amá-lo e servi-lo se eu não conhecer a verdade sobre Ele. Este livro descreve Deus como Ele realmente é. A doutrina da eleição incondicional é pessoal, pastoral e politicamente preciosa. Pessoalmente, porque é doce saber que sou escolhido não pelas minhas qualidades, mas pela graça de Deus. Pastoralmente, porque é poderoso dizer a alguém que teve toda uma vida licenciosa: 'Nenhuma quantidade ou tipo de pecado pode desqualificá-lo da eleição incondicional'. E politicamente, porque nenhuma nação ou grupo étnico pode ser considerado inapto para atender os requisitos da eleição incondicional. Agradeço a Deus por esta verdade e este livro, e por Sam Storms."

— JOHN PIPER, pastor para pregação e visão,
Bethlehem Baptist Church, Minneapolis

"A ofensiva de Storms contra as visões de orientação arminiana a respeito da eleição entre os evangélicos é uma obra muito sólida. O rigor de seus argumentos lhe dá força conclusiva."

— J. I. PACKER, professor de teologia, Regent College

"O livro de Sam Storms, *Escolhidos: Uma exposição da doutrina da eleição*, é bem concebido, bem fundamentado e bem escrito, com seus argumentos ancorados nas Escrituras. Ele é justo, completo e atualizado no tocante às controvérsias que giram em torno dessa doutrina bíblica vital. E por ser todas essas coisas, ele é edificante no melhor sentido do termo. A leitura deste livro lhe permitirá alimentar-se de um dos ingredientes mais espiritualmente essenciais da Palavra de Deus."

— MARK R. TALBOT, professor associado de filosofia, Wheaton College

"Esta nova edição de *Escolhidos* tem tudo que se pode desejar sobre o tema da eleição. Sam Storms compreende a importância do tema, mantém seu ponto de vista sobre ele com humildade, comunica sua visão com clareza e celebra seu ponto de vista com paixão. Aqueles que concordarem serão encorajados vivamente; aqueles que discordarem serão desafiados respeitosamente, mas o coração de *todos* se maravilhará com a graça gloriosa de Deus presente no Evangelho. Sou muito grato por esta nova edição ter finalmente chegado."

— C. J. MAHANEY, Sovereign Grace Ministries

"Fico satisfeito porque uma edição revista e ampliada do livro de Sam Storms, *Escolhidos*, já está disponível. Quando os alunos me pedem uma explicação concisa, clara, pastoral e prática acerca da eleição, digo-lhes que *Escolhidos* é a minha primeira escolha. Quando lemos Storms, vemos por que a doutrina da eleição é importante em nossa vida cotidiana. *Escolhidos* reflete o trabalho de um teólogo talentoso e de um pastor experiente. O mais importante de tudo, Storms mostra que a eleição divina dá toda glória, honra e louvor a Deus pela nossa salvação. Leia-o, deleite-se com a graça de Deus e alegre-se!"

— THOMAS R. SCHREINER, professor de interpretação do Novo Testamento, The Southern Baptist Theological Seminary

"Este livro extraordinariamente claro e agradável expõe seu ponto de vista sem apelar para a ridicularização ou o ataque injurioso. Ele é um bom modelo de como exatamente as divergências teológicas devem ser resolvidas: com uma escuta respeitosa, distinções cuidadosas, consciência histórica, profunda reverência pelas Escrituras e uma exegese paciente. Storms reserva espaço inclusive para uma prudente aplicação pastoral. Calorosamente recomendo este livro."

— D. A. CARSON, Trinity Evangelical Divinity School

SUMÁRIO

Agradecimentos 9
Introdução 13
1 O que é a eleição divina, e por que ela é tão controversa? 17
2 O conceito arminiano de eleição 23
3 O conceito calvinista de eleição 37
4 Livre-arbítrio (?) 55
5 Fé e arrependimento: Dons de Deus ou frutos do livre-arbítrio? 73
6 Graça maravilhosa 81
7 Eleição incondicional (1): Evangelhos e Atos 93
8 Eleição incondicional (2): Epístolas e Apocalipse 107
9 Eleição incondicional (3): Romanos 9.1-13 123
10 Eleição incondicional (4): Romanos 9.14-23 (1) 133
11 Eleição incondicional (5): Romanos 9.14-23 (2) 147
12 A ordem da salvação 157
13 Perguntas cruciais referentes à eleição (1) 173
14 Perguntas cruciais referentes à eleição (2) 185
15 Uma Defesa de uma defesa da eleição divina 197
Conclusão 213
Apêndice A: Três passagens problemáticas 215
Apêndice B: Quem pode e quem não pode orar a Deus em favor da salvação dos perdidos? 223
Apêndice C: Os decretos divinos 235
Índice geral 243
Índice de referências bíblicas 249

AGRADECIMENTOS

O fato de que eu já deveria ter escrito um livro abordando a doutrina calvinista da eleição incondicional se deve à influência de várias pessoas, cujos nomes merecem menção, ainda que breve.

Quando cheguei como calouro ao *campus* da Universidade de Oklahoma, em 1969, eu era um arminiano desinformado. Com isso quero dizer que o meu compromisso com o Arminianismo se devia menos à minha compreensão dos seus conceitos e mais à minha oposição inflexível ao que eu percebia como erros do Calvinismo. O termo "predestinação" sempre fora desagradável para mim, e eu via pouca esperança em alguém me convencer do contrário.

Então, conheci Russell McKnight. Russ era professor leigo de Bíblia e ancião da igreja batista que frequentei enquanto estava na universidade. Todo sábado de manhã era possível encontrá-lo na União Estudantil, no *campus* da Universidade de Oklahoma, ministrando um estudo bíblico a um grande grupo de universitários curiosos. Quando participei do estudo pela primeira vez, no outono de 1969, Russ estava em Romanos. Quando me formei na primavera de 1973, ele ainda estava em Romanos!

Naquela época, minha imaturidade só era superada pela minha arrogância, pois fiz de tudo para desfazer o grupo e corrigir aqueles alunos que tinham se tornado presa do que eu pensava serem erros teológicos de Russ. Nunca eu encontrara um homem tão paciente e gentil com alguém que merecia muito menos. Com seu sorriso e graça característicos, Russ ouvia minhas objeções e tolerava os meus devaneios, enquanto os outros presentes sem dúvida oravam para que eu calasse a boca ou fosse embora. Acabei indo embora. Percebi que a minha presença era um obstáculo para os outros e que, até que eu pudesse abraçar o Calvinismo que Russ proclamava ou comportar-me de maneira civilizada, eu deveria sair.

O próprio Russ era influenciado profundamente por Donald Grey Barnhouse, ex-pastor sênior da Tenth Presbyterian Church de Filadélfia, Pensilvânia, e seu sucessor e atual pastor, James Montgomery Boice. Ele me aconselhou a ouvir o programa de rádio de domingo de Boice, o qual sintonizei fielmente durante os quatro anos seguintes. Tive o privilégio de ouvir Boice em pessoa quando nossa igreja o convidou para pregar, no outono de 1971. A explicação apaixonada e pastoral de Boice acerca daquilo que ele chamou "as doutrinas da graça" impactou profundamente o meu desenvolvimento teológico.

Não muito tempo depois, Russ me deu uma cópia do livro *A Doutrina Reformada da Predestinação*, de Lorraine Boettner. Devorei-o vezes seguidas. O livro de Boettner foi o primeiro que li a apresentar argumentos exegéticos e teológicos para o que Russ vinha ensinando e que eu ouvira Boice pregar de modo tão eloquente. Ele selou o meu destino — o trocadilho é intencional!

Por volta desse período, em 1972, conheci o homem que mais exerceu influência em meu desenvolvimento teológico: Dr. S. Lewis Johnson, professor de Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas e também de teologia sistemática na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois. Mais uma vez, nossa igreja em Oklahoma City convidou o Dr. Johnson para falar durante várias noites de quarta-feira consecutivas, das quais participei fielmente, cativado por cada palavra que ele falava. Foi o Dr. Johnson quem me convenceu a estudar no Seminário de Dallas e prometeu orientar-me e guiar-me durante o meu tempo de estudo ali. Não consigo sequer começar a descrever o impacto profundo e transformador de vida que o Dr. Johnson teve sobre mim, nos âmbitos pessoal e teológico. Portanto, não vou tentar fazê-lo. Mas quero mencionar os autores que ele recomendou, cujos escritos eu devorei e cuja influência também deve ser mencionada.

Primeiro, o Dr. Johnson me direcionou aos princetonianos do século dezenove, como Charles Hodge (e sua *Teologia Sistemática* em três volumes), seu filho A. A. Hodge e, acima de tudo, Benjamin B. Warfield — cuja presença em Princeton se estendeu até as duas primeiras décadas do século vinte. Também fui influenciado grandemente por William G. T. Shedd, cuja *Teologia Dogmática* dividida em vários volumes — que li a pedido do Dr. J. Others, a quem ele me apresentara — incluía, como se poderia esperar, Agostinho, João Calvino (cujas *Institutas da Religião Cristã* todos deveriam ler), John Owen (em particular, seu livro *A Morte da Morte na Morte de Cristo*), Francis

Turretin, Jonathan Edwards, Charles Spurgeon, Robert Dabney, Herman Bavinck, Louis Berkhof, John Murray e John Gerstner.

É claro que é preciso ler todos esses autores com um olhar crítico, comparando cada um com o texto bíblico. Não há um só deles com quem eu concordaria em todos os pontos teológicos, mas o meu sentimento de gratidão a cada um é incalculável. Porém, é ao próprio Lewis Johnson que devo agradecer acima de tudo. Certamente foram sua perícia exegética e seu pensamento teológico incisivo os responsáveis pelo meu crescimento na compreensão da eleição divina — e outras doutrinas correlatas. Mas também foi sua paixão pela excelência em todas as esferas da vida e do ministério, com seu amor pastoral, que moldaram a maneira como eu via o Cristianismo e a Igreja do Senhor Jesus Cristo. Serei grato eternamente pelos quatro anos em que estudei sob a sua tutela no seminário e pelos oito anos adicionais em que fui seu adjunto na Believers Chapel, em Dallas.

Devo também expressar minha gratidão a homens como J. I. Packer, Donald A. Carson e John Piper, cujos escritos moldaram profundamente a minha compreensão da graça soberana de Deus na salvação dos pecadores (foi Don Carson quem gentilmente escreveu o prefácio à primeira edição de *Escolhidos*, em 1987).

Por fim, desejo agradecer a dois homens da Crossway Books: Allan Fisher, por sua crença neste projeto, e Bill Deckard, por sua excelência na edição, cuja contribuição tornou este livro incomparavelmente melhor. E, claro, há C. J. Mahaney, a quem esta edição revista e ampliada de *Escolhidos* é dedicada. Em última instância, o responsável pela aparição deste livro foi o apelo persistente e amoroso de C. J. para que eu o disponibilizasse a uma nova geração de crentes.

Por todos vocês mencionados aqui, bem como por outros autores e amigos cujos nomes não aparecem, só posso dizer: Graças a Deus!

— Sam Storms
Novembro de 2006

INTRODUÇÃO

Questões teológicas profundas e complexas tornam-se frequentemente mais inteligíveis por meio de uma ilustração simples e prática. Então, deixe-me começar nosso estudo da eleição divina transformando em algo concreto aquilo que, para muitos, é uma ideia abstrata e divisionista.

Jerry e Ed são gêmeos idênticos, criados por pais cristãos amorosos. Tanto quanto era humanamente possível, sua mãe e seu pai se recusavam a ter favoritos. Foram dados aos dois meninos o mesmo carinho, os mesmos privilégios e as mesmas responsabilidades no lar. Eles frequentaram as mesmas escolas e eram praticamente iguais em capacidade atlética, popularidade entre os seus pares e média de notas. Eles eram realmente gêmeos em temperamento, personalidade e desempenho.

Os meninos frequentavam a igreja regularmente com seus pais, mas não demostravam qualquer interesse por assuntos religiosos. Frequentemente, eles se sentavam na parte de trás da igreja e riam do pregador, desdenhando o seu apelo persistente ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo. Assim como eram semelhantes em muitos outros aspectos, eles pareciam compartilhar igual desprezo pelo Evangelho.

Jerry e Ed tinham acabado de celebrar seu aniversário de dezenove anos e estavam ansiosos por terminar o ensino médio. Era domingo de Páscoa. Eles estavam sentados no mesmo banco no qual haviam se sentado durante anos, ouvindo o mesmo pastor. Mas algo estava diferente. Nada fora do comum, pelo menos não no que diz respeito às questões corriqueiras da vida, ocorrera para explicar o que aconteceu naquela manhã. Nenhum dos irmãos sofrera uma experiência humilhante na escola, nem fora destinatário de excessivo louvor e honra. Tudo indicava ser apenas mais uma manhã de domingo.

Mas naquele dia, para sua própria surpresa, Jerry encontrou-se ouvindo atentamente o sermão enquanto Ed rabiscava no quadro de avisos da igreja, obviamente sem interesse em qualquer coisa do que estava sendo dito. Os dois irmãos haviam ouvido incontáveis sermões que retratavam sua condição espiritual pecaminosa e desesperada, com a promessa de perdão e vida eterna por meio da fé em Cristo. Mas nunca antes daquele domingo de Páscoa algum deles prestara a mínima atenção.

Ideias e doutrinas que até então pareciam bobas e arcaicas começaram misteriosamente a fazer sentido para Jerry. A existência de um Deus infinitamente santo contra o qual ele se rebelara, somada à perspectiva da morte eterna, estilhaçaram o pouco de tranquilidade que restava em sua alma. Ele olhou de relance para Ed, para ver se ele estava prestando atenção. Sem chance.

"O pastor está certo", concluiu Jerry em silêncio. "Eu sou um pecador. Jesus é Deus em carne humana, e sem Ele eu não tenho qualquer esperança. Oh, Deus! Ajuda-me! Salva-me! Perdoa-me! Jesus, tu és a minha única esperança. Se não tivesses morrido em meu lugar e suportado a ira do Pai, eu certamente teria morrido. Perdoa-me por ser tão completamente cego para a tua beleza até agora. Oh, Filho de Deus, eu abraço somente a ti. Quero viver para ti total e completamente."

Jerry se esforçou para explicar a si mesmo o que estava acontecendo. Tudo que ele sabia era que ao ouvir as palavras que ouvira tantas vezes, ele as "ouviu" pela primeira vez. As coisas que lera na Bíblia tantas vezes, agora ele "vira" como se só então elas tivessem aparecido. Jesus de Nazaré, que até aquele momento não o atraíra, de repente parecia totalmente adorável e cativante. A convicção de que somente esse Jesus poderia livrá-lo do tumulto espiritual, tristeza e culpa em que ele estava atolado tomou conta de seu coração. Sua alma foi, por assim dizer, inundada por ondas sucessivas de paz e alegria enquanto ele sentia o peso do seu pecado ser tirado de seus ombros e colocado sobre Cristo, em quem tal peso desapareceu de vista. Então, as palavras daquele hino que ele cantara inúmeras vezes tão descuidadamente soaram verdadeiras ao seu coração:

> Há muito meu espírito aprisionado jazia
> Preso ao pecado e à natureza obscura;
> Teu olhar vivificante brilhou como o dia;

Eu acordei, o calabouço irrompia em alvura;
Minhas correntes caíram, meu coração estava livre;
Levantei-me, avancei para seguir-te.
Incrível amor! Como pode ser assim
Que Tu, meu Deus, deverias morrer por mim?[1]

Ed não pôde deixar de perceber que seu irmão estava chorando. Com um golpe rápido do cotovelo nas costelas de Jerry, ele sussurrou:

— Pare com isso! Você está me envergonhando.

Mas Jerry não se intimidou.

O que Jerry agora achava totalmente desejável, Ed continuava a detestar. A incredulidade de Jerry desapareceu sob uma avalanche de arrependimento e amor sincero por Cristo. Por um ato de sua vontade, Jerry abraçou os sofrimentos redentores de Jesus como sua única esperança e refúgio. Ele repudiou voluntariamente o pecado e a confiança em si mesmo, e com alegria repousou em Cristo. Mas Ed permaneceu obstinado, e agora ainda mais indignado, em sua incredulidade.

É desnecessário dizer que a experiência de Jerry naquela manhã motivou uma conversa instável no carro a caminho de casa. Ele tentou explicar a seu irmão o que tinha acontecido, mas Ed estava incrédulo e cheio de raiva. Eles estavam tão absortos na conversa que nenhum dos dois viu quando uma picape saltou o canteiro em direção à pista em que eles estavam. A colisão foi frontal e fatal para os dois.

Instantaneamente, Jerry deixou esta vida e entrou no êxtase da alegria eterna na presença do Salvador a quem ele abraçara poucos minutos antes com fé salvadora. Tragicamente, Ed se viu diante da eternidade oposta, a separação da presença gloriosa do Senhor Jesus Cristo como um objeto, não de amor e de favor, mas de justa ira e indignação.

O que explica a separação irrevogável e eterna entre esses irmãos terrenos? O que fez Jerry diferir de Ed? Por que um veio a ter uma fé sincera e feliz em Jesus Cristo como Senhor e Salvador, enquanto o outro persistiu em ódio e desdém sinceros?

Essa é a pergunta que a doutrina da eleição divina procura responder. Na análise final, quando tudo tiver sido dito e feito, será necessário atribuir a fé

[1] Charles Wesley: "And Can It Be That I Should Gain?"

de Jerry ao próprio Jerry ou a Deus, ou a algum tipo de esforço cooperativo por parte dos dois, no qual nenhum tem maior primazia (ou reconhecimento) que o outro.

Irei apelar para esse cenário hipotético no decorrer deste livro, em uma tentativa de tornar concreto aquilo que, de outro modo, poderá parecer-lhe abstrato. A eleição divina, como logo veremos, é profundamente prática e a única explicação satisfatória de por que Jerry foi feito para diferir de Ed.

Então, comecemos.

1

O QUE É A ELEIÇÃO DIVINA, E POR QUE ELA É TÃO CONTROVERSA?

A eleição divina é, certamente, uma das doutrinas mais profundas e controversas da Bíblia Sagrada. Para alguns, ela é uma ideia concebida no inferno, uma ferramenta de Satanás para frustrar o zelo evangelístico da Igreja e, portanto, responsável por encher o inferno com aqueles que, de outra maneira, teriam sido alcançados com o Evangelho. Para outros, a eleição divina é o coração e a alma das Escrituras, a mais reconfortante e tranquilizadora das verdades bíblicas sem a qual a graça perde o seu poder e Deus perde a sua glória. Assim, para os primeiros a eleição é uma das principais razões de haver pessoas no inferno. Para os últimos, ela é a única razão pela qual há pessoas no céu!

Essa diferença radical de opinião acerca da doutrina da eleição e da predestinação é ilustrada lindamente — e com bom humor — em um poema publicado no *The Continental Journal*, em 11 de março de 1779. Seu título era "Sobre a Predestinação":

Se todas as coisas sucedem conforme já acordado
E impulsos imutáveis nos governam;
Pregar e orar é apenas tempo desperdiçado
E nossos mestres apenas nos lesam.

Se somos guiados pelo destino, para um ou para outro lado,
Como o cocheiro chicoteia seus cavalos,
Então, ninguém pode desviar-se — todos seguem o caminho exato,
Como as estrelas em seus caminhos marcados.
Mas se, por livre-arbítrio, podemos ir ou ficar parados,
Como melhor se adeque à presente ocasião;
Então, encha o copo e reconheça-o como um asno
Que depende da Predestinação.

Duas semanas depois, uma resposta apareceu no mesmo jornal:

Se uma mente totalmente perfeita governa a humanidade,
Com sabedoria e poder infinitos;
É certo que ela poderá decretar, e ainda assim haver livre-arbítrio,
Nos atos e eventos entre as horas divididos.

Se a Escritura afirma nos termos mais claros
A doutrina da Predestinação;
Somos obrigados a nela crer, e humildemente recebê-la
Como uma verdade da divina revelação.

Se todos os eventos avançam por força do mero acaso
Ou pelo livre-arbítrio humano são dirigidos;
Pregar e orar será tempo desperdiçado,
Nossos mestres poderão muito bem ser repelidos.

Se os homens são depravados e pelo vício escravizados,
De modo que o coração escolhe somente o mal;
Então, quem ainda segue por sua própria vontade corrupta
Está guiando velozmente em direção ao caos.

Portanto, que o orgulho humano e o vão sofisma sucumbam;
É simples fazer uma completa demonstração
De que é um jumento selvagem quem, sobre o aro dos óculos,
Ousa ridicularizar a Predestinação.[1]

Boa parte da discórdia e a maior parte da animosidade que essa doutrina suscita provêm de uma compreensão inadequada fundamental do seu significado. Nesse sentido, nossa análise da eleição divina precisa começar com uma tentativa de esclarecer precisamente o que está em jogo e, ao mesmo tempo, corrigir deturpações desse entendimento.

Frequentemente me perguntam: "Sam, você é calvinista?" A honestidade pode exigir que eu dê uma resposta imediata: "Sim, eu sou." Mas a sabedoria

[1] Os dois poemas são citados por Charles W. Akers, "Calvinism and the American Revolution", em *The Heritage of John Calvin: Lectures*, ed. John H. Bratt (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1973), 170,171.

dita uma resposta mais hesitante e informativa. "Explique-me o que você quer dizer com o rótulo 'calvinista'", respondo, "e eu lhe direi se sou um deles".

O que acontece a seguir é chocante e decepcionante. Chocante porque a resposta que ouço revela uma ignorância impressionante a respeito da tradição Reformada e de suas crenças. Mas também fico decepcionado ao perceber que aquilo que estimo e celebro como verdade bíblica é deturpado e transformado em algo caricato de forma tão generalizada.

Com frequência as pessoas definem "Calvinismo" como um sistema teológico inflexível e fatalista, desprovido de vida e alegria, no qual Deus é retratado como um valentão celestial que sente um prazer sádico em mandar pessoas para o inferno, quer elas mereçam ou não. Quando não fazem isso, elas descrevem uma perspectiva mais preocupada com a coerência lógica do que com a fidelidade bíblica. Algumas argumentam que os calvinistas esvaziam as escolhas humanas de toda a relevância moral e reduzem homens e mulheres a autômatos robóticos. Então, respondo: "Nem preciso dizer que se *é isso* o que você quer dizer com 'calvinista', então, com toda a certeza, eu *não* sou!"

De modo geral, os arminianos veem sua própria posição de forma caricata e igualmente desoladora. Infelizmente, muitos calvinistas pensam no Arminianismo como uma visão uma visão intelectualmente flácida e excessivamente sentimental da fé cristã que beira o liberalismo, se não o universalismo. Certa vez ouvi alguém dizer de modo sarcástico que o "Deus" do Arminianismo é, na verdade, o "homem" de quem se fala em voz muito alta. Espero que este livro contribua para dissipar tais caricaturas cruéis e terrivelmente enganosas daquilo em que as pessoas realmente creem.

O ponto de litígio

Embora muito possa ser e será dito neste livro acerca da eleição, o ponto de litígio entre os calvinistas e os arminianos é surpreendentemente simples. Ninguém que crê na Bíblia questiona o fato de que a eleição é ensinada nela. Não é a realidade da eleição ou até mesmo sua fonte, autor, tempo ou objetivo que suscitam tanta discórdia entre cristãos professos. Na verdade, o ponto de demanda fundamental é a *base* da eleição divina, ou seja, *por que e a partir de qual base alguns são eleitos para a salvação e a vida, e outros não*. Existem essencialmente apenas três opções, sendo a primeira mais pagã do que cristã.

Em primeiro lugar, alguém poderia querer argumentar que Deus elege aqueles que são bons. Sob esse ponto de vista, a eleição é uma dívida que

Deus é obrigado a pagar, não um presente que Ele concede graciosamente. Deus elege homens e mulheres com base na justiça inerente ou produzida pelo próprio ser humano. Essa é uma visão coerente com o antigo Pelagianismo, assim denominado em homenagem ao monge britânico Pelágio, que se tornou famoso no século cinco devido principalmente à sua discussão com o patriarca ilustre da Igreja, Agostinho. Atualmente, seria extremamente difícil encontrar um defensor dessa perspectiva em uma igreja de profissão cristã.

Em segundo lugar, outros argumentam que Deus elegeu alguns maus que, não obstante serem maus, optaram por exercer a fé em Jesus Cristo. É com base nessa *fé prevista* que Deus os elege. Essa é a doutrina do Arminianismo, assim denominada em homenagem ao teólogo holandês Tiago Armínio (1560-1609). Ela também tem sido chamada de Wesleyanismo, devido à influência de John Wesley na popularização dessa perspectiva.

Em terceiro lugar, há a visão de que Deus elegeu alguns maus que, por serem maus, não são capazes de exercer a fé em Cristo por si só. É com base em sua própria vontade soberana que Deus os elege. Essa é a doutrina do Calvinismo, assim denominada em homenagem ao teólogo francês João Calvino (1509-1564).

Nosso interesse recai sobre as duas últimas opções. A questão se reduz a: Deus elege pessoas *porque* elas creem no Senhor Jesus Cristo, ou Deus elege pessoas *para que* elas creiam em Cristo?

Classificando as opções

Jack W. Cottrell, um arminiano, salienta corretamente que "a mente calvinista vê a eleição como causadora da transição da descrença à crença, tornando assim os descrentes o objeto da eleição. O arminiano diz que essa transição é feita por um ato de livre-arbítrio, portanto, a eleição é um ato de Deus direcionado ao crente após a transição ter sido feita".[2]

Assim, o calvinista diz que Deus elege os descrentes e os predestina a tornarem-se crentes. O arminiano, por outro lado, diz que Deus elege os crentes e os predestina a tornarem-se seus filhos.

A questão não é se existe uma causa ou base para as pessoas escolherem a Deus, mas sim se essa causa é alguma condição (tal como a fé) que é atendida

[2] Jack W. Cottrell, "Conditional Election", em *Grace Unlimited*, ed. Clark H. Pinnock (Minneapolis: Bethany, 1975), 72. Talvez a exposição recente mais convincente do Arminianismo, particularmente em sua visão de Deus, providência e predestinação, seja a obra de Cottrell, *What the Bible Says About God the Ruler* (Joplin, Missouri: College Press, 1984). O artigo citado, "Conditional Election", foi revisto e incluído nesta obra mais recente no capítulo "Predestinação", 331-352.

Deus elege pessoas **porque** elas creem no Senhor Jesus Cristo, ou Ele as elege **para que** elas creiam em Cristo?

Não posso conhecer, amar e servir a Deus se eu não conhecer a verdade sobre Ele. Este livro descreve Deus como Ele realmente é.

John Piper

Escolhidos tem tudo que se pode desejar sobre o tema da eleição. Aqueles que concordarem serão encorajados vivamente; aqueles que discordarem serão desafiados respeitosamente, mas o coração de todos se maravilhará com a graça gloriosa de Deus presente no Evangelho.

C. J. Mahaney

A ofensiva de Storms contra as visões de orientação arminiana a respeito da eleição entre os evangélicos é uma obra muito sólida. O rigor de seus argumentos lhe dá força conclusiva.

J. I. Packer

Quando os alunos me pedem uma explicação concisa, clara, pastoral e prática acerca da eleição, digo-lhes que *Escolhidos* é a minha primeira escolha.

Thomas R. Schreiner

Este livro extraordinariamente claro e agradável expõe seu ponto de vista sem apelar para a ridicularização ou o ataque injurioso. Ele é um bom modelo de como as divergências teológicas devem ser resolvidas: com uma escuta respeitosa, distinções cuidadosas, consciência histórica, profunda reverência pelas Escrituras e uma exegese paciente.

D. A. Carson

VIDA NOVA

vidanova.com.br

/vidanovaedicoes

@edicoesvidanova

ISBN: 978 - 85 - 275 - 0768 - 4

9 788527 507684